



4181 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

APRENDIZAGEM PARA ADULTOS: RESSIGNIFICANDO PRÁTICAS DE LEITURA E DE ESCRITA EM LÍNGUA PORTUGUESA NA EJA
Paulo César da Silva Gonçalves - SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA

RESUMO

Este artigo aborda prática docente oriunda da Modalidade de Ensino Semipresencial efetuada em escola pública de Lauro de Freitas-Ba. A prática foi desenvolvida na interface *Chat* do *Moodle*. Como metáfora formativa, elegemos o texto Balé, de Marcelino Freire. Doze discentes participaram desse encontro. **O objetivo foi perceber como discentes adultos interagem e aprendem a partir de práticas de letramentos em leitura e escrita em momentos online mediados pela internet.** A pesquisa é de abordagem qualitativa. A metodologia foi o Estudo de Caso. Para coleta de informações, utilizamos como instrumento a atividade descrita. Procuramos responder a seguinte questão: **De que maneira discentes adultos interagem e respondem a atividades mesmo com pouco letramento em leitura e em escrita?** O referencial teórico foi: Vygotsky (1989), Freire (2000; 2006), Barton e Lee (2015), Zacharias (2016), entre outros. Percebemos que a atividade *online* foi eficaz pela produção de texto com autorreflexão e criticidade pelos discentes, o que corrobora saberes propostos por Freire e a possibilidade do sociointeracionismo elucidado por Vygotsky. Novos desafios devem ser lançados para os discentes da EJA, porque eles são tão capazes como os outros.

Palavras-chave: Aprendizagem. Tecnologias Digitais. EJA.

APRENDIZAGEM PARA ADULTOS: RESSIGNIFICANDO PRÁTICAS DE LEITURA E DE ESCRITA EM LÍNGUA PORTUGUESA NA EJA

1. O fio que se tece

A tecnologia faz parte da experiência de vida das pessoas. Umas são mais tecnológicas por se inserirem no mundo digital e por perceberem nele um potencial comunicativo em que as relações se organizam e se completam. Outras são levadas pela força da tecnologia que permeia a vida social, cultural e econômica delas. (BARTON; LEE, 2015).

Todo esse engajamento com as tecnologias, advém da relação das pessoas com o desenvolvimento e a aprendizagem. Isso porque crianças e adultos trazem consigo saberes e experiências advindos de sua vida pregressa a partir da sua leitura de mundo (FREIRE, 2000).

Nesse sentido, embasado nos estudos de Vygotsky (1989) e Freire (2000; 2006), este artigo de título **Aprendizagem para adultos: Ressignificando práticas de leitura e de escrita em Língua Portuguesa na EJA** tem como **objetivo perceber como discentes adultos interagem e aprendem a partir de práticas docentes de letramentos em leitura e escrita em momentos online na Modalidade de Ensino Semipresencial.**

Por sempre observarmos perspectivas monológicas em que o professor apenas transmite conteúdos e os alunos, na maioria das vezes, copiam e poucos discutem o que estão escrevendo, nos motivou a pesquisarmos sobre: **De que maneira discentes adultos interagem e respondem a atividades mesmo com pouco letramento em leitura e escrita?**

Escolhemos a pesquisa de abordagem qualitativa. Optamos pela instrumentalização do Estudo de Caso (LÜDKE E ANDRÉ, 1986). O instrumento de coleta das informações foram os textos dos discentes extraídos de um Chat desenvolvido no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), do *Moodle*. Como técnica para análise das informações, provenientes dos discursos dos discentes, aplicamos a Análise Interpretativa, de Severino (2016).

1.1 Contextualização da Escola

O Colégio Estadual Kleber Pacheco de Oliveira está situado na Rua Direta de Portão, s/n, Lauro de Freitas-Ba. Tem estrutura física pouco privilegiada, espacialmente, um prédio anexo e, oferece, em cada turno, doze turmas. (PROJETO, 2008).

1.2 Modalidade Semipresencial

A modalidade de Ensino Semipresencial tem como marco legal a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e no art. 1º do Decreto no 2.494, de 10 de fevereiro de 1998 e Portaria nº 4.059/2004. Caracteriza-se, entre outros aspectos, por oferecer encontros presenciais e encontros mediados por computadores conectados à internet em AVA (SIMÃO NETO, 2010).

Lograr êxito no ensino semipresencial não é tarefa das mais fáceis; isso porque boa parte do alunado brasileiro está acostumado ao professor que dita os caminhos a serem seguidos e não permite que os discentes intervenham no processo de ensino e aprendizagem, o

que se caracteriza como Educação Bancária (FREIRE, 2006).

Entre outros aspectos, o semipresencial, no momento das atividades no AVA, se vale de interfaces comunicacionais a exemplo do fórum e do chat que proporcionam a interatividade e a produção de texto para discente e docente, participarem das atividades como protagonistas do processo.

2. Vygotsky: um diálogo com Freire

Na contemporaneidade, a Neurociência e a Neuropsicologia contribuem significativamente para o entendimento de como o cérebro funciona em relação ao desenvolvimento e a aprendizagem (ROCHA, 2010).

É nesse aspecto que propusemos um diálogo com Freire por entender que esse autor está bem próximo da teoria sociointeracionista de Vygotsky por sempre acreditar na aprendizagem a partir da interação com o meio em que vive e das pessoas do seu convívio. Para Freire (2000):

Os “textos”, as “palavras” as “letras” daquele contexto – em cuja percepção me experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber – se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia aprendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais [...] (FREIRE, 2000, p.12).

Percebemos, nessas palavras de Freire (2000), a importância das coisas do mundo e das relações com as pessoas para a aprendizagem dele. Para Vygotsky (1989), nos parece uma perspectiva muito próxima, porque para ele, o desenvolvimento humano se dá em relação nas trocas entre parcerias sociais, por meio de processos de interação e mediação. Segundo Rego (1995), essa interação se concretiza a partir de um processo dialético do homem e o meio social em que ele vive. Não basta apenas estar no mundo, o homem precisa transformar o meio e se transformar através desse meio.

Para Vygotsky (1989) a aprendizagem não se dá de forma inata, mas se desenvolve ao longo da vida pelas experiências das gerações anteriores. Esse processo se dá pela mediação da linguagem nas trocas de saberes em atos sociais. Esse é o posicionamento que tomaremos aqui, neste artigo, pensar na aprendizagem como adquirida pelas trocas dos saberes. Nesse sentido não só a linguagem é fundamental, mas também a cultura que emana dela.

Nesse veio, Nuñez (2009, p. 26) diz: “A aprendizagem, como atividade transformadora tem caráter mediatizado por instrumentos, ou seja, ferramentas que se interpõe entre o sujeito e o objeto da atividade”. Não vemos como ferramentas, mas sim como interfaces que corroboram a aprendizagem.

A aprendizagem no AVA coaduna com a teoria sócio histórica e cultural de Vygotsky por, entre outros aspectos, privilegiar a aprendizagem através da interação social e não individual. No AVA, o indivíduo deve corroborar sempre o coletivo e esse coletivo transforma seus saberes experienciais em constructos de aprendizagens. Percebemos esses potenciais nas interfaces comunicacionais.

Segundo Nuñez (2009), para Vygotsky a aprendizagem da criança com a ajuda de outros, pode ser mais significativa do que aprender sozinho. Assim, Vygotsky (1989), em sua teoria, lança mão da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP),

[...] a qual estabelece a distância entre o nível de desenvolvimento determinado pela capacidade de resolver um problema e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de um problema sob a ajuda de um adulto ou em colaboração com o outro colega mais capaz (VYGOTSKY, 1989, p. 89).

Condizente a teoria vygotskiana, as interfaces comunicacionais podem servir como acionadoras do discurso ora em repouso, mas que pode ser potencializado com a participação de um usuário com mais saberes sobre um determinado tema. Assim, nesse sentido, a teoria de interação social para a efetivação da aprendizagem de Vygotsky estaria sendo desenvolvida.

Como concepção norteadora, tomamos como referência o legado freireano por coadunarmos com suas ações e, sobretudo, com as concepções de educação e orientação para o trabalho pedagógico com adultos, conforme veremos a seguir:

É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes (FREIRE, 2002, p. 13).

Por acreditarmos que ensinar não se esgota no simples fato de transmitir conteúdos, vemos na modalidade de Ensino Semipresencial um potencial para dinamizar e intensificar as aulas com adultos. Isso porque o ensino verbalista, pautado apenas na oralidade e o manejo com a lousa de pincel ou o antigo quadro de giz, tendem a desafiar pouco os alunos.

2.1 Aplicação da atividade *online*

Nesta seção, apresentaremos a atividade efetuada com os discentes da turma III no Chat, do AVA, do curso Letramento Digital: Contribuições para potencializar a leitura e escrita na EJA. Para tanto, nos ancoramos nos pressupostos de Vygotsky com a ZDP. Optamos por fazer a atividade em grupo por sabermos que existe uma distância entre aquilo que uma pessoa é capaz de fazer de forma autônoma e aquilo que ela somente pode realizar com a colaboração de outros.

No primeiro momento, discutimos em um encontro presencial o texto Balé, de Marcelino Freire, que narra a história de um menino, bastante jovem, morador do interior de Pernambuco que não queria seguir a sina da família, ou seja, ser agricultor; queria ser bailarino. No segundo momento, efetivamos a atividade *online* na interface comunicacional denominada de *Chat*. Doze discentes participaram deste encontro, mas apresentaremos, apenas, participações que apresentaram diálogos entre os alunos e com o professor.

A atividade foi intitulada de: coconstruindo o texto Balé, de Marcelino Freire

Nesta atividade, solicitamos que os alunos se posicionassem criticamente sobre as concepções ideológicas contidas no texto.

Sexta, 29 Abr 2016, 20:31

20:37 PROF PAULO: Hoje, iremos conversar sobre o texto Balé, de Marcelino Freire. O que acharam do texto? Como a criança é vista nele?

20:37 Valfredo: Boa noite há todos: o entedimento que tive no modulo foi, uma pessoa de caráter formado e não bem extimulado, no anbto familiar.

20:44 Bruna: boa noite eu concordei com o Valfredo mas acho que faltou um pouco de carinho da mae com o filho so fais driga com o garotu.

20:44 Eva Maria: eu achei que o personagem central tabem não cooperava com a familia. isso pesava contra ele ja que a familia era contra.

20:44 Eva Maria: ele só queria dançar e não ajudava a família.

20:45 PROF PAULO: Sim, Bruna, também achei que faltou mesmo carinho. Acho que tem a ver com a cultura da família. A ideia de que se é homem tem que fazer trabalho braçal, por exemplo.

20:47 Eva Maria: isso mesmo já havia um preconceito da familia, pelo fato de um menino querer dançar

20:54 Maurício: era uma criança príguiçosa

21:00 PROF PAULO: Maurício, porque achou a criança preguiçosa?

21:00 Maurício: por que não queria trabalha.

Para avaliação desta atividade, levamos em consideração ter sido ela efetuada na tela de um computador, o que, de certa forma, requer habilidades em mídias que ultrapassam fronteiras do impresso, a exemplo do manejo com o teclado, com o mouse, o que pode influenciar na acentuação de palavras, por exemplo (ZACHARIAS, 2016).

Destacamos a participação de Bruna, aluna que nos encontros presencial fez somente se apresentar e, nos outros momentos, mesmo quando solicitada, se furtou de participar, alegando ser tímida. Porém, no *chat*, além de responder ao solicitado, comentou o texto de outros participantes e produziu seu próprio texto. Nesse sentido, de acordo com Silva (2014), esse tipo de participação demonstra a dialogicidade propiciada pela potencialidade do chat, a partir da comunicação de A com B e de B com A.

O professor, inicialmente, assumiu a autoria da atividade, porém no decorrer dela, passou a ser coautor do processo, mas não como a figura mais importante dela. Além disso, enfatizamos que a interatividade apresentada neste *chat* não foi medida pela quantidade de participações de um ou de vários participantes, mas sim pela reflexão mútua deles. (APARICI; ACEDO, 2010).

Ressaltamos, também, a participação de Eva Maria, aluna que, igualmente a Bruna, nunca tinha se arriscado a enveredar pelos teclados e *mouses* de computadores. Porém, nessa modalidade se empoderou nos encontros presenciais com participações ativas nas leituras dos textos; como também nos posicionamentos críticos sobre as temáticas levadas para discussões. No *chat* não foi diferente, mesmo apresentando algumas limitações em função da habilidade com os teclados, posicionou-se criticamente e comentou textos dos outros participantes da atividade, o que também caracteriza a figura do leitor/autor.

3. Considerações

Ressaltamos que muitos alunos, no começo da atividade online, pensavam estar em aulas de informática e, em verdade, estavam participando de práticas de letramento digital com ênfase na leitura e na escrita, além, é claro, da troca de saberes. Segundo Barton e Lee (2015), a aprendizagem pode surgir de forma naturalizada, ou seja, os discentes vão entendendo como se faz e buscam meios para cumprir os objetivos propostos.

Percebemos, também, que a história de vida dos discentes envolvidos foi fundante para que eles pudessem construir seus textos. De acordo com Barton e Lee (2015, p. 175), "A reflexividade, que é autorreflexão que leva à ação, é central nas teorias de aprendizagem adulta". Nesse sentido, poder guiar os discentes da EJA a autorreflexão é fazer com que eles pensem em seus saberes e possam, a partir disso, elevar a autoestima e se ariscar por caminhos antes não imaginados, a exemplo da produção de texto com autonomia.

Salientamos que novos desafios devem ser lançados para os discentes da EJA, porque eles são tão capazes como os outros. Estar na EJA é uma condição temporal e social. Muitas das vezes, por falta de políticas públicas que respaldem um ensino que corrobore a não evasão escolar e também por problemas de infraestrutura educacional, por exemplo, tais questões são negligenciadas. Para além disso, a contribuição educacional de Vygotsky e Freire reverbera na EJA e é imprescindível para a concepção de aprendizagem que valoriza a interrelação dos saberes discentes.

Referências

APARICI, Roberto; ACEDO, Sara Osuna. Aprendizagem colaborativa e ensino virtual: uma experiência no dia-a-dia de uma universidade a distância. In: SILVA, Marco, PESCE, Lucila, ZUIN, Antonio. **Educação Online**: cenário, formação e questões didático-metodológicas. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

BARTON, David. LEE, Carmen. **Linguagem online**: textos e práticas digitais. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 39. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em Educação**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: Pedagógica e Universitária LTDA, 1986.

NÚÑEZ, I. B. Vygotsky, Leontiev e Galperin: **Formação de conceitos e princípios didáticos**. Brasília: Liber Livro, 2009.

PROJETO Político Pedagógico. Colégio Estadual Kleber Pacheco de Oliveira. Lauro de Freitas, Ba: 2008.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

ROCHA, Bruno. Educação online: aprendizagem do adulto e plasticidade em perspectiva. In: SILVA, Marco; PESCE, Lucila; ZUIN, Antônio (Orgs). **Educação Online**: cenário, formação e questões didático-metodológicas. Rio de Janeiro: Walk Editora, 2010.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. 7.ed. São Paulo: Loyola, 2014

SIMÃO NETO, Antônio. **Cenários e modalidades da ead**. Curitiba: IESDE Brasil, 2010.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Pensamento e Linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1989.

ZACHARIAS, Valéria Ribeiro de Castro. Letramento digital: desafios e possibilidades para o ensino. In: Coscarelli, Carla Viana. **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.